



AUTENTICIDADE, ALTIVEZ E AFIRMAÇÃO DO LUGAR: UM OLHAR PARA A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA EM CUBA

AUTHENTICITY, HAUGHTINESS AND AFFIRMATION OF THE PLACE: A LOOK AT THE TOURIST EXPERIENCE IN CUBA

Sandro de Oliveira Safadi
Instituto Federal de Goiás – IFG
sandro.safadi@ifg.edu.br

Resumo: O presente texto apresenta um olhar fundamentado no conceito de lugar como suporte analítico para se pensar o povo cubano diante da chegada de uma nova prática social vinculada ao mundo global, o turismo. Partindo da compreensão de que há duas forças antagônicas que operam no lugar, a saber, a hegemonia econômica global e as resistências locais, apresentam-se dados referentes à saúde, à educação e à segurança como elementos de confecção de singularidade à experiência turística em Cuba. O turista, ao pisar em solo cubano, depara-se com um povo investido de altivez que, envolvido por políticas de Estado, como o trabalho por conta própria, atende e oferece ao visitante uma experiência autêntica.

Palavras-chave: Hospitalidade. Autenticidade. Lugar. Experiência turística. Cuba.

Abstract: This text presents a view based on the concept of place as analytical support for thinking the Cuban people before the arrival of a new social practice linked to the global world, tourism. Based on the understanding that there are two opposing forces operating in the place, namely global economic hegemony and local resistance, data on health, education and security are presented as elements of the uniqueness of the tourist experience in Cuba. The tourist when stepping on Cuban soil comes across a people invested with haughtiness that involves state policies, such as self-employment, meets and offers the visitor an authentic experience.

Keywords: Hospitality. Authenticity. Place. Tourist experience. Cuba.

Introdução

Em Havana, não se veem crianças abandonadas nas ruas; em Santa Clara e Baracoa, é possível se comer muito bem; em Bayamo, não se encontra lixo no chão, em Santiago de Cuba, é possível tomar uma cerveja artesanal no meio de um bairro simples. Em todas essas cidades, a história passeia pelas ruas. Justiça social, boa comida, hábitos educados, inventividade e memória combinam com Cuba e oferecem uma linha interpretativa para pensar o turismo naquele país tão próximo de nós e tão distante ao mesmo tempo. A cordialidade afaga os primeiros momentos do turista, o mar azul povoa os sonhos do viajante, a alegria contagia os chegantes. Em Cuba, para além da revolução, paira livre a comoção.

O presente artigo visa estabelecer uma relação entre essa Cuba emblemática que desperta curiosidade entre os mais diversos tipos de pessoas e o país cru e real que se desdobra no existir nas ruas. Havana, capital apontada para o mar; Santa Clara, cidade do Mausoléu de Che; Bayamo, na província de Granma; Sierra Maestra, o lugar revolucionário; Santiago de Cuba, do cemitério de Fidel, podem ser rapidamente transplantadas para o caderno de anotações tanto do turista casual quanto do viajante experiente.

O que pretendo neste texto é refletir sobre a peculiaridade cubana e como é possível sustentar a ideia de “resistência” a partir de uma intenção deliberada do povo que se expressa nos lugares. O intuito, portanto, é contribuir para revelar mecanismos de afirmação de autenticidades, os quais partem dos lugares e criam situações que atuam como ação contrária à hegemonia global. Em Cuba, esse interesse torna-se ainda mais específico em relação a outros lugares turistificados, pois os fluxos de mercadorias globais, devidos ao bloqueio econômico¹ iniciado em 1962, estão impedidos de agirem livremente pelas ruas e atuarem como pasteurizadores de permanências identitárias.

¹ Utilizo aqui o termo “Bloqueio Econômico” e não “Embargo Econômico”, por ser a forma como o governo cubano se refere, nesse entendimento, o que há é um ato de tempos de guerra, diferentemente do embargo que seria uma ação em retaliação a um descumprimento legal.

Para desnudar autenticidades cubanas, optei por utilizar alguns dados comparativos referentes aos países que se configuram como principais destinos turísticos do Caribe e confrontar com alguns indicadores sociais. Os dados, apesar de expressarem de maneira quantitativa as diferenças e as particularidades em Cuba, aparecem no texto para oferecer uma amálgama entre as impressões colhidas em duas missões científicas² pelo país e elementos reflexivos que surgiram a partir do que se entende como qualidade na experiência turística. A intenção é extrair uma interface entre a experiência do turista enquanto sujeito chegante e o fato de ser Cuba, um país que apresenta índices sociais, de educação e de saúde expressivos.

Recorri ainda ao inovador mecanismo de geração de trabalho e de renda, nominado de *cuentalpropismo*³ regulamentado em 1993, o qual pretende expandir-se como uma estratégia governamental que visa garantir ao sistema político e econômico da ilha ser transferido paulatinamente para os indivíduos em suas demandas particulares sem que eles se desviem do sentido de coletividade inspirado pela revolução iniciada em 1959.

O trabalho por conta própria, exercido por uma parcela do povo da ilha é, em certa medida, uma inovação. Para alguns cubanos, é o início da entrava da linguagem individualista do capitalismo; para o governo, parece ser um dos principais mecanismos de salvaguarda do sistema. Essa prática é percebida pelo turista de maneira genuína nas ruas, nas casas, nas praças, nos bares, nos restaurantes e nos meios de transporte, e penso aqui que pode ser uma estratégia de resistir ao modo hegemônico do capital.

² Em março de 2018, participei de uma missão científica coordenada pelo professor Eguimar Felício Chaveiro, da Universidade Federal de Goiás (UFG) que contou com pesquisadores da própria UFG e também do Instituto Federal de Goiás (IFG), Instituto Federal Goiano (IFGoiano), Universidade Estadual de Goiás (UEG), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Na ocasião, a missão passou de um extremo ao outro, de Havana, passando por Pinar Del Rio no oeste do país, indo até Bayamo, no leste e retornando a Havana. A missão científica percorreu mais de 2.000 quilômetros. Em março de 2019 retornei a Cuba para participar de outra missão científica e, na ocasião, percorri os trajetos de Holguín a Santiago de Cuba, indo a Baracoa no extremo leste do país.

³ Mais à frente no texto, tratarei de explicitar alguns detalhes desse novo mecanismo que pode ser traduzido como trabalho por conta própria.

O desafio que me propus enfrentar está na constatação de resistências que são efetivamente capturadas pelo povo cubano em forma de densidade existencial que se expressa nas ruas. O nivelamento das condições de vida, mesmo que com disparidades pontuais, juntamente à garantia da elevação do espírito pelo rico cabedal educacional e de saúde conferem energia particular e intensa do povo da ilha e incrementam o turismo no país.

O texto foi organizado em três momentos, apresentando o primeiro uma abordagem teórica que auxilia o processo de reflexão sobre a relação entre o global e o local, perpassando também pela ideia de sujeito e pelo vislumbre da paisagem. No segundo momento apresento alguns dados referentes ao turismo nos principais destinos turísticos do Caribe, entre eles Cuba, e confronto com índices sociais relacionados à saúde, à educação e à segurança. Por último trago ao debate as transformações operadas pelo governo cubano no que tange à prática do trabalho por conta própria e suas possibilidades de interface com o turismo.

Perspectivas teóricas para pensar a experiência turística em Cuba

Os sentidos autênticos que deflagram pertencimentos são criados em meio aos gotejamentos culturais estrangeiros ao lugar que infiltram nos campos identitários do acontecimento local. Em Cuba, esse processo de afirmação das características particulares e a busca pelo reconhecimento da autenticidade se confrontam com a chegada do turismo, o qual, diante da realidade cubana, expressa uma cultura efetivamente externa ao desdobramento das ações cotidianas, ainda mais que em outros lugares da América Latina.

Milton Santos afirma que nesse confronto há “[...] uma distinção entre a escala de realização das ações e a escala de seu comando” (SANTOS, 1996, p.65), sendo duas expressões evidentes da relação entre o imprimir global e o desenhar local. Considerando que as ações “[...] são cada vez mais estranhas aos fins próprios do homem e do lugar” (SANTOS, 1996, p. 65), numa clara tentativa homogeneizante e massificadora, é necessário extrair do ponto

específico da superfície onde a realização se dá, mecanismos que possam fazer surgir a resistência como enfrentamento pela via da autenticidade.

A liberdade inventiva dos indivíduos quando se predispõem a ocupar os lugares, como diz Maria Adélia Souza, instaura ao mesmo tempo “[...] redes de ação e de resistência contra a falta de liberdade, contra a desigualdade” (SOUZA, 1997, p.7). A liberdade criadora estabelece um diálogo com a força dos lugares e revela os comandos locais, evidências de uma contraposição à hegemonia global, uma espécie de transgressão coletiva a partir da resistência estabelecida no comando da escala de realização.

Nesse sentido, é possível caminhar com Jean-Paul Sartre pelas ruas de Cuba e perceber que a responsabilidade de um ato não se restringe ao indivíduo que o pratica, pois, no entendimento desse célebre francês “[...] quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que é responsável pela a sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens”⁴ (SARTRE, 1970, p.3). Assim, se cada lugar expressa sua autenticidade, a resultante desse processo se dá então como um sopro da própria liberdade produzida a partir de um existir denso fundado na responsabilidade em relação à humanidade. Em Cuba, parece ser essa responsabilidade ainda mais sólida na medida em que o cidadão cubano já experimenta quase 60 anos de uma revolução que se fundamenta no espírito coletivo⁵.

O cubano parece bastante resolvido em relação ao seu povo e à sua própria responsabilidade. A escala de realização de cada ação de um cidadão cubano traz intrinsecamente a marca sólida do seu do povo. Nesse contexto, as chamadas fantasmagorias que os lugares desenvolvem por serem “[...] penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles” (GIDDENS, 1991, p. 27) perdem força ante uma autenticidade duradoura.

⁴ “Et, quand nous disons que l'homme est responsable de lui-même, nous ne voulons pas dire que l'homme est responsable de sa stricte individualité, mais qu'il est responsable de tous les hommes”.

⁵ Apenas a título de esclarecimento a respeito o sistema político de Cuba, que se funda na concepção de partido único, algo que se distancia do entendimento da democracia em seu modo mais enraizado que se baseia na ideia do sufrágio universal, vale ressaltar que, nesse texto, o que se buscou foi a compressão sobre como um sistema que evidencia a necessidade da coletividade se desdobra na prática do turismo.

As ações padronizadas, articuladas e organizadas por uma lógica global, ao se depararem com essa transgressão do local, muitas vezes sucumbem às racionalidades projetadas pelo povo que ali vive. É o que Milton Santos, em sua tentativa de apresentar as verticalidades e as horizontalidades reconhece ao afirmar que “Forças centrípetas conduzem a um processo de horizontalização, forças centrífugas conduzem a um processo de verticalização” (SANTOS, 1996, p. 227). Dessa forma, os movimentos de resistência horizontais carregam o signo da desobediência. Ao confrontar o cotidiano do povo cubano com as forças externas verticalizadas, deve-se levar em conta certo grau de debilidade no processo de cooptação intrínseco à energia global. Ao pisar em solo cubano, percebe-se que não há um diálogo nem com a mesma frequência nem na mesma intensidade com modos operatórios de uma cultura globalizada. O bloqueio econômico serve como ferramenta de imposição ao isolamento e, ao mesmo tempo, como plataforma de surgimento de garantias horizontais no sentido conferido por Milton Santos.

Percorrer o país de um extremo a outro, de Havana, no oeste do país, até Baracoa, no extremo leste, oferece outra faceta de Cuba em sua atualidade, por estradas muito boas, paradas intrigantes e cidade intensas. Experimentam-se tardes quentes e imagens inesperadas, um verdadeiro banho de autenticidade. Quase não se veem indústrias ao longo da Autopista Nacional de Cuba A1, uma chaminé geralmente aparece na paisagem de forma atípica em meio ao tabaco, à cana de açúcar, ao café e a outras plantações que em conjunto conferem um acontecer genuíno na paisagem, que vez por outra é surpreendido por um vilarejo simples.

Em Cuba, o que se consolida primeiro é o povo e suas marcas, o mundo parece acanhado para se mostrar na paisagem cubana. Se para o viajante desavisado algum aspecto de antiguidade possa ser traduzido como queda ou como fragilidade, para um vaguear mais entranhado o que salta aos olhos é pura coragem.

É certo que o aspecto visual da paisagem apresenta desgaste, seja nas pequenas cidades seja na capital, Havana (Figura 1), no entanto, algo ultrapassa a imagem dos fios pendurados, das paredes sem reboco e do misto de

inacabamento e ressurgimento. A experiência urbana em Havana, em Bayamo, em Santa Clara e em Santiago de Cuba é intensa demais para que a nítida falta de recurso para a construção civil possa trazer qualquer sensação de desalento.

Outro aspecto que fica evidenciado ao caminhar pelas ruas das cidades cubanas é a força do lugar. Por ser um povo que resguarda seu modo de vida característico, as forças sustentadas na escala de realização local conseguem garantir que as leis e os códigos do lugar resistam de maneira mais evidente às forças provenientes da escala de comando externa/global.

Figura 1 - Rua típica de Havana.



Fonte: arquivo do autor

A construção civil juntamente com o turismo constituem energias catalizadoras que estão entre as principais linhas de ação do governo cubano para a reestruturação da paisagem urbana. Essas duas atividades econômicas fazem parte dos principais elementos norteadores da economia cubana neste

momento de atualização do modelo econômico-social⁶. Em *Habana Vieja*, os prédios públicos, as ruas, as praças e os equipamentos urbanos vêm passando por fortes requalificações estéticas e funcionais.

O dilema inerente ao processo de atualização do modelo econômico cubano e a importância conferida ao turismo é, sem dúvida, uma questão a ser enfrentada pelo governo e pelo povo que em conjunto demonstram ter capacidades para realizar tal transição. A paisagem em processo de requalificação servirá nos próximos anos como fonte de expressão do nível de afirmação da autenticidade.

Entre o verniz turístico, já bastante presente nas edificações em reforma, e o patrimônio histórico à espera de outra roupagem, estabelecem-se os fundamentos do futuro de Cuba. Os turistas convencionais que desembarcam na ilha já percebem certa estética padrão das cidades que se preparam para receberem turistas. É possível ver em Havana, em Santiago de Cuba, cidades de grande interesse turístico, ruas preparadas com estética padrão, vasos de plantas e sombreros semelhantes a outras cidades turistificadas pelo mundo (Figura 2), mas o convívio com uma Cuba profunda é inevitável.

⁶ O governo cubano vem se referindo às transformações do socialismo cubano como uma atualização do modelo econômico e social, os termos “abertura” ou “flexibilização” não são reconhecidos como intrínsecos ao processo de atualização que está em curso.

Figura 2 - Paisagem de *Habana Vieja* já requalificada com a estética turística.



Fonte: arquivo do autor

A paisagem das cidades demonstra fluxos de constructos coletivos. Para o turista que deseja submeter sua subjetividade a um entranhamento com esse constructo, Cuba desponta de forma ímpar. Nas regiões ainda não gravadas com a estética turística, há um acontecimento da singularidade e, mesmo nas regiões já turistificadas, é recorrente a surpresa com o que se vivencia. Augustin Berque, ao falar do sujeito em sua relação com a paisagem, entendendo-a como Marca e como Matriz, traz uma reflexão que oferece um suporte importante para a relação do turismo com a paisagem dos lugares. Nas palavras de Berque, a paisagem é marca

[...] pois expressa uma civilização, mas também é uma *matriz*, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço, e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno (BERQUE, 2004, p. 84).

Ao longo de todo o texto, Berque deixa claro que a manifestação concreta da paisagem é passível de análise, “[...] mas ela existe em primeiro lugar em sua relação com o sujeito coletivo [...]” (BERQUE, 2004, p.84). Nessa medida, o que Cuba escancara ao visitante é que o incremento nas cidades

permite um diálogo profícuo entre os indivíduos locais em sua expressão autêntica e o turista geralmente invadidos pelos ditames globais. A distância entre Cuba e o mundo que os quase 60 anos de bloqueio promoveu, neste momento se torna um brilhante a ser lapidado por um povo saudável e educado.

O processo de turistificação de uma nação saudável e educada, os números não dizem tudo, mas oferecem pistas metodológicas

É a partir de sólida constituição do povo cubano que se observa a inserção de novas práticas sociais decorrentes das políticas públicas e da ação do estado, e foi sustentado por um ideal de coletividade que o país enfrentou a crise iniciada nos anos noventa do século XX. Após quase uma década depois da derrocada do “Campo Socialista”, como se diz em Cuba, o governo cubano atento aos novos ventos que sopravam em seu país, já havia tomado uma decisão favorável à entrada de turistas. Em 1º de julho de 1999, Fidel Castro em uma passagem pelo Brasil demonstrou sua preocupação com a dignidade de um povo e, ao mesmo tempo, anunciou a vocação turística da ilha. Em um discurso no encontro da União Nacional dos Estudantes-UNE, em Belo Horizonte, deixava claro suas intenções:

En nuestro país entran y salen con más libertad millones de personas, sin visas muchas de ellas, porque el turismo es hoy necesidad imprescindible de nuestra economía, pero no un turismo de juego y de casinos, ni un turismo de prostíbulos; no lo aceptamos ni estamos dispuestos a tolerarlo, porque todo el oro del mundo vale menos que la dignidad de una mujer y, más aún, que la dignidad de una adolescente (CASTRO, 1999).⁷

Fidel Castro parecia saber sobre as questões de extrema relevância para se pensar o turismo, assim, o governo cubano agiu como um promotor do turismo em seu país e, como tal, afirmou a validade do lugar e da identidade do povo. Não foi uma decisão fundada no desespero. De fato, a posição da ilha em meio

⁷ Tradução livre do autor: “Em nosso país entram e saem com mais liberdade milhões de pessoas, sem vistos muitas delas, porque o turismo é hoje necessidade imprescindível de nossa economia, mas não um turismo de jogo e de cassinos, nem um turismo de prostíbulos; não os aceitamos nem estamos dispostos a tolerá-lo, porque todo o ouro do mundo vale menos que a dignidade de uma mulher e, mais ainda, que a dignidade de uma adolescente”.

ao mar do Caribe (Figura 3) era quase um chamado inevitável ao turismo, em tempos de ascensão da mundialização da economia capitalista. A curiosidade com o que é tido pelos cubanos como “o único país efetivamente comunista do mundo” veio à tona. O interesse pelo desconhecido e, por vezes, pitoresco é combustível para o turismo contemporâneo. No Caribe, o “destino de sol e praia”, já demonstrava ser inevitável na região e foi exatamente nesse ambiente da competição capitalista global que o país decidiu participar da disputa.

Figura 3 - Localização das cidades de Havana, Santa Clara, Bayamo, Santiago de Cuba, Baracoa em Cuba, juntamente a Miami e Cancún.



Fonte: Google Earth - <https://earth.google.com>

O arrojo em se colocar Cuba como destino turístico foi uma ação decisiva na configuração das novas possibilidades do país diante das dificuldades enfrentadas na década de 1990. Ao se observar a escalada do quantitativo de turistas estrangeiros que chegam em território cubano entre os anos de 2013 e 2017 (Tabela 1) em comparação com os principais destinos turísticos do Caribe⁸,

⁸ O México e os Estados Unidos (Flórida), apesar de estarem na região do Caribe, não são países genuinamente caribenhos e também por serem destinos turísticos muito superiores, não servem em nosso entendimento como países para efeito comparativo com os demais expressos na tabela.

é possível ter uma ideia do quão relevante foi a investida do governo cubano no turismo.

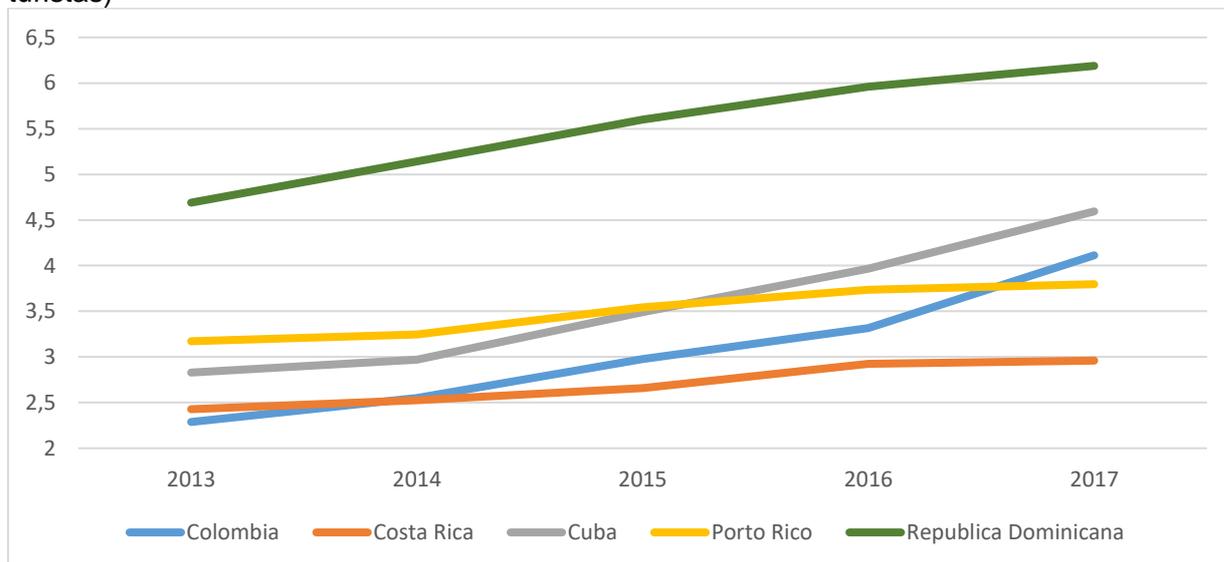
Tabela 1 - Quantidade de turistas estrangeiros que visitaram os países (Milhões de Turistas)

Países	2013	2014	2015	2016	2017
Colômbia	2,288	2,552	2,978	3,317	4,113
Costa Rica	2,428	2,527	2,660	2,925	2,960
Cuba	2,829	2,970	3,491	3,968	4,594
Porto Rico	3,172	3,246	3,542	3,736	3,797
Republica Dominicana	4,690	5,141	5,600	5,959	6,188

Fonte: Organização Mundial do Turismo (OMT) - <https://www.e-unwto.org/toc/unwtotfb/current>

A partir de uma visualização simples da Tabela 1, pode-se inferir que, no que se refere à entrada de turistas estrangeiros, Cuba já ultrapassou a maioria dos países que foram trabalhados de maneira bem mais intensa pela indústria do turismo mundial. A observação da Figura 4 oferece ainda condições de conclusão sobre a importância de Cuba como lugar turístico. O gráfico em questão demonstra de maneira mais clara a ascensão do turismo em Cuba em comparação com os mesmos países.

Figura 4 - Quantidade total de turistas estrangeiros que visitaram os países (Milhões de turistas)

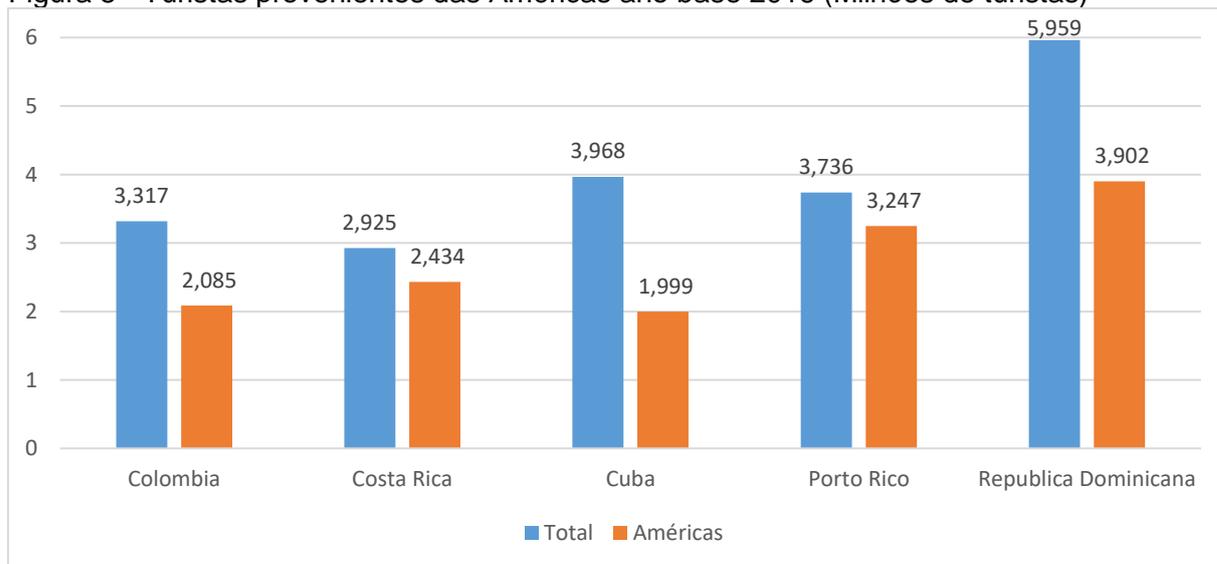


Fonte: Organização Mundial do Turismo (OMT) - <https://www.e-unwto.org/toc/unwtotfb/current>

Nota-se que o padrão de aumento de turistas estrangeiros em Cuba é acompanhado mais de perto pela Colômbia, mas já desponta em relação a Porto

Rico e a Costa Rica. Vale observar ainda que, em 2017, Cuba se encontrou atrás apenas da República Dominicana, país que foi trabalhado de forma muito particular pelas empresas de turismo e que, mesmo assim, já não apresenta o mesmo padrão de crescimento registrado em Cuba. Os números demonstram também outra particularidade do turismo em Cuba se considerarmos países como República Dominicana, Porto Rico, Costa Rica e Colômbia, teremos uma forte ligação com as Américas, mais especificamente com os Estados Unidos. Por conseguinte, a origem dos turistas que visitam esses países é menos diversificada do que o observado em Cuba. A figura 5 traz um gráfico apresentando a proporção entre os turistas oriundos das Américas em comparação com o total de turistas estrangeiros que entraram nos países no ano de 2016⁹.

Figura 5 - Turistas provenientes das Américas ano base 2016 (Milhões de turistas)



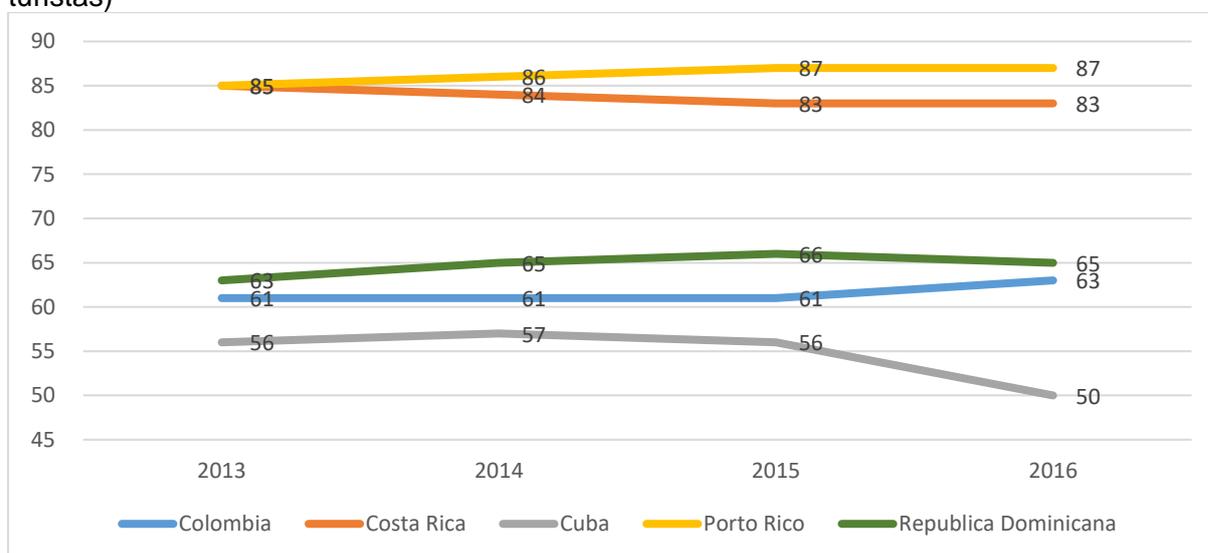
Fonte: Organização Mundial do Turismo (OMT) - <https://www.e-unwto.org/toc/unwto/tfb/current>

É possível dizer que, em razão do bloqueio econômico e da campanha constante dos Estados Unidos contra o regime comunista de Cuba, há uma inibição em relação à presença de turistas estadunidenses na ilha, no entanto, o que se nota é que Cuba encontrou um lugar que desperta curiosidade entre

⁹ No ano de 2017, a OMT não apresentou os dados da origem de turistas em Cuba, do ano de 2018, ainda não há dados publicados na plataforma da OMT (14 de junho de 2019).

turistas de outras partes do mundo. Em números percentuais, em referência aos dados apresentados na figura 5, Cuba recebeu, em 2016, 50% de turistas originariamente não residentes nas américas, contra a Colômbia, com 37%, República Dominicana, com 35%, Costa Rica, com 17%, e Porto Rico, com 13%. Nota-se ainda que, entre os países aqui estudados, apenas Cuba apresenta uma queda percentual expressiva no número de turistas oriundos das américas no período de 2015 e 2016 (Figura 6).

Figura 6 – Percentual de turistas provenientes da Europa 2013 a 2016 (Milhões de turistas)

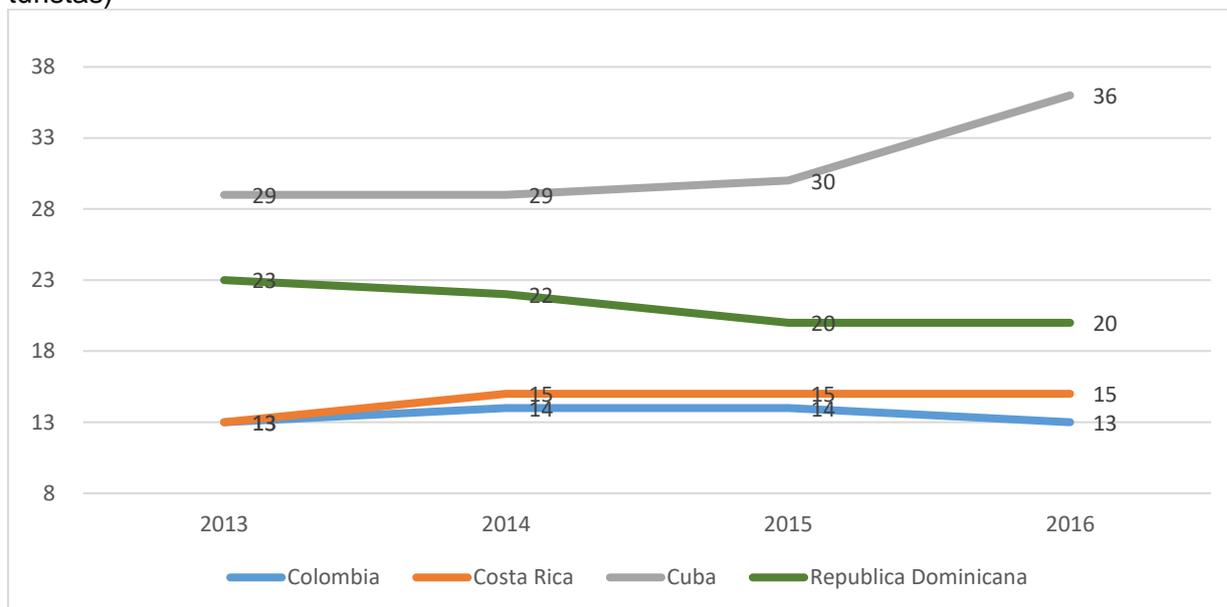


Fonte: Organização Mundial do Turismo OMT - <https://www.e-unwto.org/toc/unwto/tfb/current>

Esses dados, mesmo que isoladamente, podem oferecer uma impressão de como Cuba iniciou um processo de despertar do interesse entre os viajantes e turistas ao redor do mundo. Nesse quesito, observa-se ainda que, nos anos de 2015 e 2016, nota-se uma expressiva alteração no percentual de visitantes em Cuba (saltando de 30 para 36%) oriundos do continente europeu, que, em suma, é o segundo maior mercado emissor de turistas para o Caribe, atrás apenas das américas. Essa alteração ocorreu exclusivamente em Cuba considerando os países do Caribe aqui trabalhados (Figura 7). Vale acrescentar que Cuba ainda não faz parte ativamente dos roteiros dos cruzeiros caribenhos. Para se ter uma ideia do que isso pode significar para a economia cubana no futuro, as Bahamas receberam, só em 2016, mais de 4,5 milhões de excursionistas, como são caracterizados esse tipo de turista pela OMT, tendo recebido no mesmo período

apenas 1,5 milhão de turistas que efetivamente pernoitaram no mínimo uma noite no país.

Figura 7 - Turistas provenientes da Europa entre os anos de 2013 e 2016 (Milhões de turistas)¹⁰



Fonte: Organização Mundial do Turismo OMT - <https://www.e-unwto.org/toc/unwtotfb/current>

Do discurso de Fidel Castro em 1999 até os dias atuais, muita coisa se alterou em Cuba. Além da consolidação da ilha como um destino turístico, é possível observar também a consolidação de índices de saúde e de educação importantes e fundamentais para a força do povo cubano. Fato que se articula com o modo como Cuba aparece ao turista por meio do contato com os serviços oferecidos de maneira singular e descontraída, o que serve de mais um sustentáculo para a afirmação turística da ilha.

Para averiguar traços da solidez das políticas públicas, a Tabela 2 apresenta alguns dos dados de Cuba em comparação com os mesmos países que disputam os turistas pelo Caribe como visto na Tabela 1. Nesse caso, aparecem também os dados do México, da Venezuela e do Brasil para expandir

¹⁰ Porto Rico não apresenta nos dados da OMT o quantitativo de turistas oriundos da Europa, mas, devido aos números da Figura 5, pode-se concluir que não há uma expressiva emissão de turistas europeus para esse país.

o espectro comparativo¹¹. Em quatro índices, Expectativa de Vida, População idosa, Desnutrição e Mortalidade infantil, Cuba aparece expressivamente em melhor situação em relação a todos os países da tabela, igualando sempre com o melhor país dessa seleção ou estando em melhor situação de forma isolada. Os dados são de fato surpreendentes para um país que vive em bloqueio econômico.

Tabela 2 – Índices de saúde

	Expectativa de vida (anos) 2016	População com mais de 65 anos (% da população total) 2017	Desnutrição (% da população) 2015	Mortalidade com menos de 5 anos (por cada 1000) 2016
Brasil	76	09	03	15
Colômbia	74	08	07	15
Costa Rica	80	09	06	09
Cuba	80	15	03	06
México	77	07	04	15
Porto Rico	80	15	S/D	S/D
Republica Dominicana	74	07	14	31
Venezuela	75	07	13	16

Fonte: Banco Mundial - <https://datos.bancomundial.org/>

O comparativo em relação aos dados aqui selecionados pode ainda se expandir para outras partes do mundo. No caso da Mortalidade Infantil para menores de cinco anos, por exemplo, Cuba figura entre os menores índices do mundo ficando à frente dos Estados Unidos que apresentam no mesmo dado 7 óbitos por 1000 nascimentos. No caso da desnutrição em relação ao total da população, Cuba aparece em primeiro lugar no mundo com o mesmo índice de países como Japão, Alemanha, Estados Unidos, França e toda a Escandinávia, todos com 3% do total da população.

¹¹ A Venezuela não apareceu na tabela que demonstra os dados relacionados ao turismo por ainda não possuir um quantitativo expressivo de turistas no país. Apesar do México possuir uma interface profunda com o mar do Caribe, não se entende aqui que possa ser uma país com efeito comparativo com os demais que aparecem na referida tabela e nas figuras. Quanto aos outros dados presentes no texto optou-se por inserir em algumas situações o México e também outros países, como o Brasil, e países europeus, além do próprio Estados Unidos, devido ao fato de ter Cuba índices de saúde, educação e segurança muito significativos para qualquer parâmetro mundial.

Essa condição específica da população cubana no que se refere à saúde promove, entre outras características, uma permanência do trabalho em condições saudáveis por ter garantia da manutenção das necessidades básicas, circunstância que transparece de forma positiva à experiência de visitar o país como turista. Além da saúde, a decisão pela educação reflete em toda parte, ela se entranha na mãe que cuida melhor da higiene da casa, ela fixa morada na ocupação do espaço público, a partir da praça como palco perene de atividades relacionadas ao esporte, enfim, ele surge marcadamente nas práticas cotidianas do povo cubano. Em espectro mais ampliado, a educação que o povo cubano vivencia alicerça as convicções em relação ao desejo de consumo da sociedade contemporânea, que paulatinamente vai fundindo o ideal de resistir mantido pelo estado cubano com a história de resistência do próprio povo.

Ao averiguar dados importantes da educação pelo mundo, Cuba aparece como vanguarda, segundo o *Informe de Seguimiento de la Educación en el Mundo* da UNESCO (2017), Cuba é o único país da América Latina e do Caribe que apresenta taxa de 100% de pessoas alfabetizadas acima de 15 anos de idade já em 2014. No mesmo ano, países como Portugal (94%), Grécia (98%), Espanha (98%) e Itália (99%) ainda não haviam alcançado a meta. Outro fato que também demonstra a sensibilidade do Estado cubano é a relação professor-aluno no ensino primário. Em Cuba, são 9 alunos para cada professor, número que se assemelha aos países com os melhores índices educacionais do mundo, como a Noruega (9), a Suécia (10) e a Suíça (10). Ao analisar o informe da Unesco, conclui-se que Cuba apresenta o maior Índice de Desenvolvimento da Educação da América Latina e do Caribe – IDE.

O ótimo nível de escolarização do povo cubano juntamente ao corriqueiro encontro com jovens e adultos com diplomas de ensino superior desempenhando funções simples nos põe a pensar o lugar da formação. Se no Brasil, como professores, vemo-nos recorrentemente inspirando universos grandiosos para os alunos, em Cuba se presencia outra lógica. A educação parece ser uma ferramenta emancipatória em si mesma, uma alavanca para a dignidade.

Um pequeno relato de minha experiência particular em Bayamo durante uma das missões científicas de que participei oferece uma parcela da compreensão da autenticidade e da dignidade do povo cubano. Após vários dias sendo conduzido em *coches* por um jovem cubano dialogando sobre os mais diversos temas, lancei a pergunta sobre a sua formação. Ao saber que era veterinário, em seguida perguntei se ele não se sentia descontente em ter formação superior e estar na condução de um *coche*, de maneira objetiva me veio a resposta: “estou cuidando do cavalo”, numa simplicidade arrasadora. É digno para ele conduzir o cavalo, mais digno ainda por ser veterinário. Essa pequena informação empírica pode não abarcar as possíveis insatisfações decorrentes do deslocamento de alguns profissionais para funções que exigem pouco de sua formação acadêmica, entretanto, ela ilustra de maneira sutil que a educação é uma ferramenta fundamental na consolidação da força desse povo. Estar na condução de cavalos e poder estabelecer diálogos dos mais variados temas é emancipatório.

Outra característica que salta aos olhos do turista e que se expressa nos dados internacionais é a baixa violência. Não é incomum ouvir pelas ruas que “o povo cubano é um povo de paz”. Segundo a Organização Mundial de Saúde, em seu relatório *World Statistics 2018*, Cuba apresentou em 2016 uma taxa de 5,5 homicídios para cada 100 mil habitantes, ficando atrás apenas do Canadá (1,5), Antígua e Barbuda (1,8) e do Chile (4,4) nas américas.

Esses números sobre a saúde, sobre a educação e sobre a violência por vezes aparecem como elementos frios e distantes de se comprovar na realidade das ruas. Nas cidades cubanas, os dados encontram suas afirmações e se revelam ao lançar um olhar atento para as gravações na paisagem. O povo cubano guarda um modo de vida que, em sua originalidade, mantém-se educado, altivo e em paz. A palavra “altivez” talvez resuma de maneira mais explícita o que as políticas públicas voltadas para o essencial de uma nação podem conferir ao cidadão. Não a altivez dos ricos aprendida por imposição de uma classe, mas uma altivez espontânea que faz parte da história daquele povo.

Enlaces entre os caminhos abertos pelo estado cubano e a experiência do turista em Cuba

Há uma nação que parece segurar a honra do país em suas mãos, em cada esquina, nas ruas e nas praças. Percebe-se esse espírito altivo e determinado em nome da coletividade. O povo cubano é dono de sua história, e o turista percebe esse ânimo consolidador da nação. Entre a santificação de Che e a profusão de imagens dos líderes da revolução de 1959, paira firme a ideia de paz e de respeito ao outro. Não se encaixa no perfil deste texto querer esmiuçar o quanto a revolução capitaneada por Fidel Castro, Camilo Cienfuegos e Ernesto Che Guevara está na base desse sentimento de atenção à coletividade, certo é que, nas diversas conversas que o turista pode travar com os cubanos, evidencia-se o modo característico de pensar, que em muito difere de padrão de valorização do individual.

Nesse aspecto, entre o olhar do indivíduo e a necessidade coletiva, caminha a atualização do modelo econômico cubano. Nesse ponto, Cuba se mantém muito atenta. Mesmo quando o turismo foi anunciado por Fidel Castro em 1999 como ferramenta capaz de alavancar Cuba após a queda do campo socialista, já estava em andamento uma condição especial para o cidadão lidar com a crise.

No ano de 1993, por meio do Decreto de lei nº. 141, de 8 de setembro, o governo cubano estabeleceu uma nova modalidade de situação laboral, que versa *sobre el ejercicio del trabajo por cuenta propia*. Essa prática inovadora para Cuba e ainda incompreensível para o mundo revela talvez a faceta mais intrigante dos tempos atuais. O cidadão cubano passa a ter a possibilidade de oferecer um conjunto de atividades que o coloca em contato frente a frente com o turista sem a necessidade de passar fisicamente por um órgão da estrutura estatal. Em Cuba, isso não é pouco relevante, visto que restaurantes, bares, lojas de eletrodomésticos, e hotéis historicamente foram estabelecimentos estatais.

As atividades fundamentais exercidas pelo Estado ou em regime de cooperativas ainda se mantém fora do alcance dos trabalhadores por conta própria, entretanto, diante da forma característica como se dão as práticas

sociais relacionadas ao turismo, pode-se afirmar que *cuentalpropismo*, como chamam os cubanos, certamente é uma ação radicalmente inovadora para as relações de trabalho em Cuba e oferece elementos importantes para se pensar o trabalho no mundo contemporâneo¹². Segundo o Anuário Estatístico de Cuba publicado em 2017¹³, no ano de 2016, os trabalhadores por conta própria já somavam mais de 540 mil indivíduos, o que equivale a 12% dos cidadãos ocupados.

Essa situação de ocupação por conta própria está ainda sofrendo alguns ajustes, principalmente no que se refere a contratações de pessoas para se vincular a um trabalhador por conta própria e também no que se refere aos impostos. Recentemente, em 2018, o governo cubano passou a rever as regras do trabalho por conta própria visando acrescentar novas atividades e rever as formas de taxaço tributária. Em meio ao processo de acomodação dessa nova prática, o turismo surge como fundamental atividade econômica que contribui para a inserção desses profissionais. O Decreto de lei nº 356, de 16 de março de 2018, dispõe em seu artigo terceiro que “Las personas naturales¹⁴ pueden ejercer el trabajo por cuenta propia de manera individual o como trabajador contratado por otro trabajador por cuenta propia”¹⁵ (Gaceta Oficial nº 35 Extraordinaria, 2018, p.514). O fato de se autorizar que um trabalhador por conta própria possa ter em sua responsabilidade outros trabalhadores por conta própria incrementa substancialmente a possibilidade de desenvolvimento de atividades relacionadas ao turismo na medida em que restaurantes, meios de

¹² Em conversas informais ouvi de alguns cubanos que dizem observar com ressalvas esta inovação, argumentando que aí está a raiz da liberalização da economia e a quebra do sistema socialista, para o governo não se trata de abertura da economia, mas sim o estabelecimento de novas possibilidades de trabalho. Me parece ainda prematuro avaliar em que medida há uma ruptura com o sistema socialista, visto que não efetivamente a figura jurídica da empresa. Em fevereiro de 2019 foi aprovada a nova constituição cubana, a propriedade privada surge como possibilidade, devido inclusive a criação do trabalho por conta própria, entretanto a constituição expressa ainda de forma inquestionável o sistema socialista como o único aceitável na ilha.

¹³ Disponível em <http://www.one.cu/aec2016/07%20Empleo%20y%20Salarios.pdf>.

¹⁴ A constituição aprovada em Fevereiro de 2019 estende esta possibilidade ao estrangeiro residente em Cuba.

¹⁵ Tradução livre do autor “As pessoas naturais podem exercer o trabalho por conta própria de maneira individual e como trabalhador contratado por outro trabalhador por conta própria”.

hospedagens e transportes, atividades intimamente relacionadas ao turismo, ganham mais alternativas de funcionamento.

O turista vivencia as atividades desenvolvidas por conta própria a todo instante. Nas casas onde se oferecem hospedagem vivem-se experiências intrigantes, acordar e receber um café da manhã com frutas, iogurte, pães, queijos, leite, suco e café contrasta com as informações sobre o racionamento de alimentos, afinal, a quem é garantido esse padrão de refeição matinal? Mais do que isso, restaurantes começam a aparecer na paisagem de Havana e de outras cidades do interior do país, como em Santa Clara e Bayamo, proporcionando ao viajante uma experiência gastronômica peculiar e incrivelmente farta. Nos bares, o rum aparece como um símbolo importante, seja no Daiquiri, seja na *Cuba Libre*, os turistas percebem a resistência e a garantia de força do local, desde o café da manhã até as madrugadas nas danceterias e nas ruas. Nos supermercados, nota-se certa escassez de variedade, mas o período de restrição de quantidade de alimentos parece já ter sido deixado para trás, como os números da OMS demonstram. Não é objeto deste trabalho tratar dos processos de racionamento alimentar, mas dificilmente a figura do homem faminto será presenciada nas ruas de uma cidade cubana, fato que os dados apontados anteriormente comprovam.

Ao se observar a situação de Cuba frente a alguns países do Caribe e da América Latina no que se refere aos dados relacionados à saúde, à educação e à segurança, como exposto no tópico anterior, surge uma nítida impressão de que se opera naquele país uma forma de apoio governamental fundamentada no atendimento às necessidades básicas e na promoção da vida. A saúde e a educação são tratadas como ferramentas fundamentais para emancipar o indivíduo e para a afirmação da dignidade coletiva. É possível dizer que, se o povo cubano se mantém firme após anos de embargo econômico, certamente isso se deve à solidez concedida pelas políticas públicas de um governo que visa estabelecer uma espécie de resistência de Estado. Foi por meio da ação deliberada do Estado cubano ao decidir pelo turismo, alicerçado na qualidade do povo, que Cuba se tornou lugar desejado.

O geógrafo Remy Knafou em um artigo já clássico intitulado “Turismo e território: para um enfoque científico do turismo” argumenta que há três fontes de turistificação dos lugares, a saber, a primeira ocorre com alto grau de espontaneidade vinculada ao próprio turista, que vai ocupando os lugares e conferindo a eles um andamento turístico. A segunda forma diz respeito ao propósito específico do mercado que vislumbra em certo lugar um potencial a ser explorado, e a terceira forma diz respeito à organização do lugar pela via do planejamento, seja ele local, regional ou nacional. Knafou argumenta que, nas duas primeiras fontes, o turista e o mercado, não há uma turistificação que se expressa como sendo do próprio lugar. Para ele, a terceira fonte, os planejadores e promotores, possui a “[...] originalidade de ser, por definição, mais ou menos bem territorializadas. Que se trate de iniciativa locais, regionais ou mesmo nacionais, essas iniciativas apresentam a característica comum de serem fundamentalmente ligadas a um lugar” (KNAFOU, 2001, p. 71). Nesse ponto, a ilha de Fidel vem se posicionando de maneira muito significativa quanto à valorização de suas próprias potencialidades e fazendo vir à tona seu lugar ao sol perante a posição geográfica.

Considerações finais

A instrução de um povo, a seriedade com o aprender e a negação da imbricação do valor do outro pelo que ele possui sem dúvida está na base do olhar sereno e responsável daquele jovem que conduz o *coche* em Bayamo, mas, acima de tudo, forja uma região de observação constante em relação ao outro e a suas necessidades. Não se pode iludir ou disfarçar que uma nação que alcance o nível de escolaridade de Cuba não possua uma diferença radical no modo como suas crianças, jovens e adultos veem o outro. O senhor que entrega jornal na praça conversa sobre qualquer assunto com o médico que visita as casas ali do lado, o condutor do *coche* estabelece um diálogo com qualquer professor de qualquer universidade do mundo em pé de igualdade. Esses acontecimentos, que são cotidianamente vividos pelos cubanos, traz à tona uma serenidade que é percebida a todo instante por um chegante.

Caberia aqui arriscar dizer que, para o cubano comum, olhar o outro em dificuldade incomoda e fere a dignidade coletiva. É possível encontrar moradores de rua, porém, em número tão reduzido que um instante passado nas ruas da cidade de São Paulo, por exemplo, apresenta ao turista mais pessoas em situação de mendicância do que uma longa experiência turística em Havana. As casas simples do cidadão cubano, por vezes com carência de acabamento e conforto, ao se tornarem hospedarias para turistas ganham outro significado para o Estado; a presença diminuta de automóveis novos nas ruas também se adapta ao compartilhamento dos carros antigos, que se tornam objetos de desejo da experiência do turista em Cuba.

Há muitos descontentes também, indivíduos apresentando estéticas globais, bandeiras uniformizadas de uma vida que se reconhece ao redor do mundo. Símbolos externos se fazem presentes, estão ali a Coca-Cola em lugares bem específicos, a música negra estadunidense no “jazz” e no “blues”, um vestuário aqui e acolá inspirado no “Soho”¹⁶. Esses símbolos estão expostos na paisagem não com o mesmo significado consumidor, surgem como situações atípicas e com alto grau de estranheza em meio ao turbilhão de simplicidade. Em Cuba, parece que o mundo global ainda se põe de maneira tímida e sorrateira, meio envergonhado e sem conseguir gravar na paisagem como em tantos outros lugares do mundo.

A experiência turística em Cuba se traduz na paisagem de maneira muito peculiar. Se Berque está correto, a marca do povo cubano expressa na paisagem é preenchida de sentimento de coletividade, e a matriz cultural certamente é um apontamento para o futuro. Cuba se mostra inovadora na maneira de atender ao turista. Pode-se dizer que, como certa provocação ao capitalismo, o trabalho por conta própria instituído em 1993 ao ser entregue nas mãos de um povo tão instruído seja uma forma menos sofisticada de serviços de hospedagens e transporte que em nada devem ao AIRBNB e à UBER no que se refere à

¹⁶ Bairro descolado de Nova York onde podem se ver artistas e celebridades desfilando roupas da moda e comendo em bistrôs as últimas novidades da gastronomia mundial.

satisfação do usuário e também no que tange à geração de trabalho para o povo que agora abre seus sorrisos aos curiosos viajantes.

Referências

BANCO MUNDIAL. **Datos of Cuba**. Disponível em: <https://datos.bancomundial.org/pais/cuba?view=chart>>. Acesso em 14 ago 2018.

BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia cultural. In Corrêa, R. L.; Rosendhal, Z. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. p. 84-91.

CASTRO, F.R. **Discurso del presidente de la Republica de Cuba**, Fidel Castro Ruz, en el encuentro con la Union Nacional de Estudiantes, Belo Horizonte, Brasil, el 1º. de julio de 1999. (Versiones Taquigráficas - Consejo de Estado) Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1999/esp/f010799e.html>>. Acesso em 14 ago 2018.

CUBA. Oficina Nacional de Estadística e Información. **Anuário estadístico de Cuba**. Edición 2017. Disponível: em <http://www.one.cu/aec2016/07%20Empleo%20y%20Salarios.pdf>>. Acesso em 16 ago de 2018.

_____. Decreto-Ley N°. 141, de 8 de septiembre de 1993. **Sobre el ejercicio del trabajo por cuenta propia**. Disponível em <http://juriscuba.com/wp-content/uploads/2015/10/Decreto-Ley-No.-141.pdf>>. Acesso em 16 ago 2018.

_____. Ministerio de la Justicia de la República de Cuba. **Gaceta Oficial N° 35 Extraordinaria de 10 de julio de 2018**. Disponível em: <http://www.fgr.gob.cu/es/gaceta-oficial-no35-extraordinaria-de-10-de-julio-de-2018>>. Acesso em 15 de ago 2018.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. (R. Fiker Trad.). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (Obra original publicada em 1990).

KNAFOU, R. Turismo e território. Para um enfoque científico do turismo. In Rodrigues, A. B. (org.) **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Editora Hucitec, 2001.

OMS. **World health statistics 2018: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals**. 2018. Disponível em <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/272596/9789241565585-eng.pdf?ua=1&ua=1> Acesso em 28 jun 2018.

OMT. Banco de dados da Organização Mundial de Turismo. **Tourism statistics country Cuba**. Disponível em: <<https://www.e-unwto.org/toc/unwtotfb/current>>. Acesso em 14 ago 2018.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo; razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SARTRE, J.P. (1970) **L'existentialisme est un humanisme**. Nagel, Paris 1970 (Texto publicado originalmente em 1946). Disponível em: <[https://www.psychanalyse.com/pdf/L%20EXISTENTIALISME%20EST%20UN%20HUMANISME%20-%20JEAN-PAUL%20SARTRE%201970%20\(14%20Pages%20-%20106%20Ko\).pdf](https://www.psychanalyse.com/pdf/L%20EXISTENTIALISME%20EST%20UN%20HUMANISME%20-%20JEAN-PAUL%20SARTRE%201970%20(14%20Pages%20-%20106%20Ko).pdf)>. Acesso em 19 ago 2018.

SOUZA, M. A. A. **Cidade**: lugar e geografia da existência. Conferência proferida no 5º Simpósio Nacional de Geografia Urbana, em Salvador, Bahia, de 21 a 24 de outubro de 1997.

UNESCO. **Informe de Seguimiento de la Educación en el Mundo**. 2017. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002485/248526S.pdf>>. Acesso em 16 ago 2018.

Sandro de Oliveira Safadi

É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Anápolis, membro do Laboratório de Ciências Sociais e humanidades do IFG e do Grupo de Pesquisa Espaço, Sujeito e Existência da UFG. É doutor em Geografia pelo Instituto de Estudos Sócio-ambientais da Universidade Federal de Goiás (2012), com Estágio Doutoral no Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine (IHEAL), Université Sorbonne Nouvelle Paris 3 (2010-2011). Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Goiás (2004), graduado em Geografia Bacharelado e Licenciatura pela Universidade Católica de Goiás (1999) e em Educação Física Bacharelado e Licenciatura pela Escola Superior de Educação Física de Goiás (1992). Interesse científico: Epistemologia, Geografia Humana e Educação. Com ênfase em estudos urbanos e territoriais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7032359282154221>

Recebido em Abril de 2019.

Aceito para publicação em Junho de 2019.